



Contemporânea

Contemporary Journal
3(10): 17887-17908, 2023
ISSN: 2447-0961

Artigo

OS BENEFÍCIOS DA IGREJA CRISTÃ PARA A SOCIEDADE EM CADA PERÍODO DA HISTÓRIA

THE BENEFITS OF THE CHRISTIAN CHURCH FOR SOCIETY
IN EVERY PERIOD OF HISTORY

DOI: 10.56083/RCV3N10-068

Recebimento do original: 15/09/2023

Aceitação para publicação: 16/10/2023

Daniel de Melo Rodrigues

Graduando em Teologia

Instituição: Centro Universitário Fundação Universitária Vida Cristã (UniFUNVIC)

Endereço: Estrada Radialista Percy Lacerda, 1000, Pinhão do Borba, Pindamonhangaba – SP

E-mail: bnos09@gmail.com

Ricardo Alexandre Carvalho

Mestre em Desenvolvimento Humano

Instituição: Centro Universitário Fundação Universitária Vida Cristã (UniFUNVIC)

Endereço: Estrada Radialista Percy Lacerda, 1000, Pinhão do Borba, Pindamonhangaba – SP

E-mail: prof.ricardocarvalho.pinda@unifunvic.edu.br

RESUMO: O presente artigo intitulado os benefícios do cristianismo para a sociedade em cada período da história, tem como objetivo apontar os benefícios que a Igreja Cristã proporcionou a sociedade onde esteve inserida, em cada período histórico. Para isso foi realizada uma revisão de literatura com enfoque na história da Igreja de forma sistêmica e diversificada, com a intenção de captar de vários pontos de vista uma imagem mais completa e acertada dos fatos que apontam para os benefícios que se deseja demonstrar. Não se pretende tratar sobre o tema de forma exaustiva, mas confirmar que apesar dos problemas que a história comprova, a religião cristã e a Igreja, como uma instituição de valores, foi benéfica por onde passou. Espera-se com este artigo atestar sobre os fatos que comprovam tal benefício e abrir a discussão sobre a relevância desta instituição conservadora e sua comunidade para a sociedade de hoje, visto a sua contribuição anterior.

17887



PALAVRAS-CHAVE: Igreja Cristã, Benefício, os Cristãos, Educação.

ABSTRACT: The present article has as its objective to indicate the benefits that the Christian Church provided to society wherever it was inserted, in each historic period. To accomplish it, a revision of literature was carried out focusing on Church History in a systematic manner and with a diversified content to capture the various points of view, and form a more complete and trusted image of the facts that point to the benefits wanted to be demonstrated. It is not the pretension of this work to treat the theme exhaustively, but to confirm that in spite of the problems history proves to have existed, the christian religion and the Church as an institution of values was indeed beneficial wherever it was inserted on. It is expected from this article to attest about the facts that corroborate the benefit in question and open the discussion about the relevance of this conservative institution and its community for society today, based on its previous contributions.

KEYWORDS: Christian Church, Benefits, the Christians, Education.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

1. Introdução

Com mais de dois mil anos de história, a Igreja Cristã é uma das mais antigas instituições da sociedade e carrega um peso de influência na história geral muito grande, tendo sido responsável pela reforma de governos, pelo estabelecimento da cosmovisão de um período histórico todo, pelo sentimento de conhecer o mundo que seu Deus criou, por ser o espírito fundante de nações, de onde até mesmo os que não criam em suas escrituras tiraram fundamentos para pensar e desenvolver ideais de liberdade e dignidade humana, responsável também por agir em tempos de guerra e reconstrução do mundo, e por ainda hoje ser um agente influente na preservação de valores fundamentais a sociedade e do ser humano. Apesar dos erros que a própria história comprova, visto que é composta de uma massa humana, queremos demonstrar por meio da mesma história que ela



foi de fato benéfica para o mundo e as sociedades em que se inseriu. A defesa dessa instituição é de importância máxima em uma época que se apoia sobre tais benefícios, muitos dos quais conquistados por aqueles que compõem suas fileiras, contudo sem dar crédito, ou mesmo rejeitar a razão pela qual a igreja fez o que fez.

Realizaremos, portanto, uma leitura de alguns historiadores Almeida, Silva, Américo, Webb, Corbin, Cairns, Ferreira, González, Hurlbut, Latourette e Shelley, que se dedicaram a escrever sobre a Igreja, e buscaremos em seus trabalhos como se debruçaram sobre os acontecimentos, de forma que possamos captar, em cada período da história, um grupo de pessoas sem os quais a sociedade teria rumado para um destino obscuro, ou nem mesmo permaneceria íntegra. Utilizaremos os recortes mais tradicionais para trabalhar cada período, sendo eles: antigo, medieval, moderno e contemporâneo, com a modificação de que sobre os dois últimos trataremos como um período comum devido a dificuldade de separá-los e a controvérsia existente entre os historiadores sobre a sua divisão. A proposta é trabalhar os aspectos mais evidentes das ações da Igreja, sem tratar de tudo, o que exigiria uma pesquisa e um trabalho muito mais extensos. Veremos ao longo deste discorrer que hora a Igreja é representada por uma grande massa, hora por pessoas específicas, e isso com a justificativa de que os benefícios sobre os quais queremos nos debruçar são fruto da influência de Jesus Cristo, de seus ensinamentos, portanto, há momentos em que a Igreja como instituição representa algo contrário ao espírito cristão, e um grupo de pessoas contrárias a ela, em busca de se alinhar a ele, melhor a representa. Com isso em mente, queremos nos restringir aos benefícios e apontar as falhas apenas para que haja um contexto fiel aos fatos.

A importância deste trabalho reside na importância que a Igreja tem para o mundo, de forma que não temos por intenção retirar a responsabilidade de seus erros, mas de apontar as suas contribuições inestimáveis, e trazer reconhecimento de seu valor no tempo presente.



2. Método

Por meio de revisão bibliográfica, traremos uma observação acerca dos benefícios da igreja cristã para a sociedade em cada período da história. A pesquisa realizada neste trabalho científico foi exploratória, pois ela está em conformidade com os objetivos propostos. De acordo com Gil (2002) essa pesquisa tem o objetivo de deixar o problema a ser pesquisado mais familiar, bem como clarificar ou fundamentar hipóteses. A centralidade do tipo de pesquisa em questão é o aperfeiçoamento de ideias ou a descobertas intuitivas.

No que diz respeito ao delineamento, a pesquisa foi bibliográfica, que segundo Gil (2002) esse modelo tem como característica a utilização de material ordenado, principalmente de livros e de artigos científicos, o que permite ao pesquisador um acesso maior de fenômenos mais amplos, sendo adotada assim essa prática para o desenvolvimento do artigo científico. Por isso é que os autores selecionados foram tantos, pois, como é interessante a história que os historiadores se dediquem às seções dela, recortes por assim dizer, e que ali se aprofundem, há aqueles que trazem uma riqueza de informações sobre determinado período e ao mesmo tempo omitem outras, por compreenderem ser menos importantes, dessa forma, é necessário que sobre um mesmo fato, observemos pelas vistas de vários autores. Cairns, González, Latourette e Shelley, são os grandes autores, cujas obras possuem uma grande densidade de conteúdo, e além disso, são muito reconhecidos em sua área, o que permite confiabilidade em seu trabalho. Hurlbut e Corbin permitem uma visão mais panorâmica da história como um todo sem deixar de lado apontamentos importantes cuja profundidade requereu debruçar-se sobre os conteúdos mais completos. Os outros autores foram aqueles que preencheram os “silêncios” encontrados na pesquisa, pois forneceram os detalhes que os outros não apontaram. De forma geral, a história é produzida e comprovada de fatos comuns, por isso,



o que se encontra de um autor para outro é uma tratativa diferente, alguns fatos sobre os quais se debruçaram uns mais que outros, e por esse motivo é necessário a busca por eventos específicos nas obras de diversos autores.

A pesquisa foi conduzida por meios físicos e eletrônicos, utilizando-se das facilidades dos livros em formato “E-book” para encontrar com mais agilidade os textos interessantes, sem que fosse deixado de lado os livros em sua versão física, afinal certas obras são antigas e difíceis de encontrar. Além disso algumas estavam em seu idioma nativo (inglês) e tornava-se necessário traduzir, portanto sempre que possível foi dada prioridade aos textos já traduzidos em português.

O critério de escolha dos autores se deu em primeiro lugar pela quantidade de conteúdo que produziram, visto ser esta pesquisa de característica panorâmica, era necessário que houvesse um escopo condizente com a extensão dos períodos históricos abordados. Em segundo lugar foi observado o renome dos autores, afinal seus trabalhos são confiáveis para serem referência dentro da Academia para lecionar, pelo menos os mais importantes. Os demais foram selecionados conforme se dava a pesquisa e foram achados valiosos por suas informações-chaves para dar coerência e riqueza de informação.

3. Período Antigo: o Império Romano e o Universalismo Cristão

Desde o surgimento do cristianismo, com Jesus Cristo entre os judeus, o Império Romano é uma figura importante em seu contexto. Os cristãos surgiram em meio à dominação de Roma e prosperaram em meio a ela. As condições para isso foram muitas em prol da propagação do Evangelho, contudo, surpreendentemente, nesse período, as contrárias – como as perseguições – também contribuíram para o crescimento da fé cristã.

O primeiro século A.D. do Império deu aos cristãos estradas que facilitaram suas viagens, a *Pax Romana* que dava segurança para os



viajantes dentro do território dominado, o grego como língua franca entre os povos e os portos mercantes que concentravam gente de todos os povos, ou seja, um ambiente propício para aqueles que buscavam espalhar suas Boas Novas. Um elemento importante da dominação romana que grandemente colaborou com os cristãos era que os romanos permitiam e eram entusiastas da diversidade religiosa, dessa forma, a princípio, os cristãos não eram alvo de qualquer repressão, sendo rejeitados e perseguidos apenas pelos judeus que os viam como uma seita. Contudo, à medida que o ideal cristão era propagado, e o paganismo, que possibilitava o que mais tarde seria a adoração ao imperador, diminuía, a unidade do império, fundada sobre a fidelidade à autoridade imperial estava ameaçada, e os cristãos tornaram-se alvos.

Os séculos II e III seguintes foram tempos onde os cristãos precisaram resistir a perseguições e a ataques a sua fé, tanto de forma física quanto intelectual. Fossem as feras no Coliseu ou as mortes cruéis como a do apóstolo Pedro, crucificado de cabeça para baixo, ou as novas religiões que se formavam do contato da filosofia grega e a fé cristã, como o gnosticismo, mesmo assim a Igreja continuava a crescer. É a partir deste contexto que podemos analisar o benefício dos cristãos para essa sociedade.

A característica benéfica da Igreja neste período é o universalismo do Evangelho. Vejamos o que Hurlbut (2007, p. 52) diz sobre os cristãos:

Eles pertenciam a todas as classes sociais, desde a dos nobres até a dos escravos, das quais estes últimos, no império, excediam em número à população livre. Acontecia, porém, que na Igreja o escravo era tratado igualmente como o livre. Um escravo podia chegar a ser bispo, enquanto seu amo e senhor não passava de um simples membro.

Dentro do império havia uma verdadeira segregação. Os cidadãos romanos, os homens livres, fossem eles por direito de nascença ou por conquista, eram os únicos que tinham direitos e eram considerados como dignos de respeito. Os escravos, as mulheres e as crianças, e aqueles que



não eram cidadãos eram descartáveis e desprovidos de valor. O Cristianismo, porém, afirmava que todos são iguais perante Deus. É por essa razão que o Evangelho propagou-se principalmente entre esses oprimidos.

[...] os cristãos de serem pessoas ignorantes cuja propaganda tinha espaço, não nas escolas nem nos fóruns, mas nas cozinhas, oficinas e selarias. Ainda que a obra dos cristãos como Justino, Clemente e Orígenes pareça ser um desmentido às palavras de Celso, o fato é que, em termos gerais. Celso dizia a verdade. Os sábios entre os cristãos eram a exceção antes que a regra. Em sua obra *Contra Celso*, Orígenes cuida de não desmentir o seu contendor nesse ponto. Do ponto de vista dos pagãos cultos, como Tácito, Cornélio Frontão e Marco Aurélio, os cristãos eram uma gentilha desprezível, sem educação nem cultura. (GONZÁLEZ, 2011, p. 94)

De acordo com Shelley (2018), para o romano, o escravo era um bem descartável quando não tinha a utilidade esperada e poderia ser sacrificado como um animal; as crianças fracas e “imperfeitas” deveriam ser abandonadas, e a castidade e a honra familiar, do casamento, eram conceitos de valor muito diferentes para eles.

A sociedade pagã, com seus excessos, beirou a extinção racial, mas o cristianismo representou outro caminho – um novo caminho. A doutrina paulina de que o corpo é o templo do Espírito Santo introduziu no mundo antigo uma condenação inflexível para a falta de castidade, bem como um chamado sagrado à vida familiar. (SHELLEY, 2018, p. 56)

Os convertidos possuíam escravos, porém os tratavam com dignidade e concediam os mesmos direitos dentro da Igreja. Eles se recusavam a abandonar suas crianças e amavam suas esposas com honra e respeito. Shelley (2018) também afirma que os cristãos foram associados às catacumbas por causa da importância que davam aos seus mortos. O imperador Juliano (332-363) faz um relato da compaixão dos cristãos para com os pobres, e não somente para com os seus, mas quanto aos romanos também:

Porque, enquanto não há pessoas necessitadas entre os Judeus, e



enquanto os ímpios Galileus proveem não só para os seus que necessitam, mas também para aqueles que estão conosco, seriam verdadeiramente vergonhoso se permitíssemos que nossa própria gente sofra com a pobreza.¹ (SOZOMEN, 2020, p. 554)

Os cristãos, portanto, demonstraram por meio da prática compassiva o amor, e apontaram a dignidade do ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus, o que é a expressão do princípio do universalismo, que deu origem ao termo católico para a Igreja.

Tomemos agora por consideração: como tudo isso pode ter beneficiado a sociedade daquele tempo? A resposta é que o benefício tem uma característica absoluta. O Império Romano dependia de um contexto para manter a sua dominação. Por exemplo, a escravidão era uma das bases da força de trabalho e um mercado importante entre os homens livres, eram também eles que possibilitavam as atrações no Coliseu, enfim, eram um produto muito versátil para os romanos, portanto, não era de interesse algum que essas pessoas fossem tratadas de forma digna, nem era um plano que fossem muitos deles libertos. Diante disso, podemos tomar o efeito que a Igreja Cristã teve sobre essa sociedade, tratando-se aqui deste aspecto da escravidão, de dar aos subjugados por ela, dignidade e afirmar que não havia diferença entre os homens, como afirmavam os romanos, mas que todos são iguais perante Deus, como benéfico? Do ponto de vista de um cidadão romano, com certeza não. Hurlbut (207, p. 62) afirma que os cristãos eram tomados por “niveladores da sociedade, portanto, anarquistas, perturbadores da ordem social.” Do ponto de vista da cultura romana, os cristãos prejudicavam a dinâmica da sua sociedade, seu sistema econômico, a sua noção de família funcional e até atacavam a sua concepção de perfeição do cidadão romano (herança dos gregos e sua idolatria à perfeição do corpo).

¹ [Texto original] “For, while there are no persons in need among the Jews, and while even the impious Galileans provide not only for those of their own party who are in want, but also for those who hold with us, it would indeed be disgraceful if we were to allow our own people to suffer from poverty.”



Então como podemos, de um ponto de vista imparcial, verificar que a Igreja Cristã foi benéfica para o Império Romano? A resposta está no resultado da propagação do Evangelho entre eles. Era reconhecida a nobreza dos atos cristãos, mas os mesmos eram tratados como fruto de um ateísmo profundo (visto que criam num só Deus), e portanto, eram ameaça para o modo de vida pagão romano. Mesmo assim, com o tempo, o Evangelho alcançou não só os oprimidos, aqueles de quem pensavam se render a mensagem pela miséria pela qual passavam, mas os pensadores e aristocracia romana, de forma que próximo ao ano 313 A.D. contavam-se aos milhões as sepulturas dos cristãos nas catacumbas (HURLBUT, 2007). Ao tratar dos últimos anos do governo de Diocleciano, Shelley (2007, p. 113) diz que "ele não prestou atenção ao crescente poder cristão. Seu palácio estava cheio de oficiais cristãos, e sua esposa, Prisca, e sua filha, Valéria, também eram consideradas cristãs."

O próprio imperador Constantino, o primeiro deles a se tornar cristão, reconheceu o poder da fé cristã, recebendo vitória em 312, contra Maxêncio, por um sonho que teve com uma cruz no céu, a qual colocou nos escudos de seus guerreiros, indicando que o Deus cristão estava ao lado deles. De fato, Constantino foi um marco tanto para o Império Romano, como para o cristianismo, que durante seu governo foi vastamente auxiliado, visto que, a partir de 313, o cristianismo foi declarado a religião oficial do império. Compreendemos então que, pela dimensão do alcance e receptividade da mensagem do Evangelho no império, aqueles que eram tomados como perturbadores da ordem social, tornaram-se em representantes de um caminho melhor, ao qual os romanos cederam, não por força, nem por violência, mas pela sua conduta semelhante à de Cristo, inclusive no martírio

Essa transição foi significativa para todos. Agora a religião não desfrutava apenas de uma grande influência dentro do povo, mas estava em uma posição de privilégio e autoridade, o que facilitou que, ainda mais agora, os princípios cristãos pudessem fornecer ainda mais benefícios ao império. O



infanticídio, característica de tratamento dos pais romanos com seus filhos indesejados foi extinto como um proceder legal, e no lugar foi incutida uma percepção sagrada sobre a vida, que salvou a vida de inúmeras crianças romanas, antes mortas ou abandonadas para morrer e serem traficadas (HURLBUT, 2007). A eliminação da escravidão foi um processo mais longo, mas imediatamente, por causa da valorização da vida, os escravos receberam direitos que os protegiam de seus amos, inclusive permitia que fossem emancipados nos casos de tratamento cruel (Ibidem). Na capital de Constantino cessaram os duelos de gladiadores – embora em Roma tenham cessado apenas no ano 404 (Ibidem).

Portanto, podemos compreender por uma breve análise desses fatos, que embora pela visão romana de sociedade a Igreja tenha trazido consigo caos e desordem, em valores absolutos ela contribuiu para a preservação da vida, para a sua valorização, e para a dignificação de todos os homens independentemente de suas condições e classes sociais, ou seja, contribuiu fundamentalmente para uma sociedade onde o valor humano absoluto é o de ser a imagem e semelhança de Deus, e acrescentou um aspecto sagrado e irrevogável a vida.

4. Período Medieval: o Governo Papal e as Ordens Monásticas

Ao tratarmos do Período Medieval faremos uma ponte com o período anterior por meio do assunto da ascensão da Igreja ao poder como uma instituição de governo, e a partir disso discutiremos os benefícios desse tempo.

Quando falamos de Idade Média, e é impossível desvincular esse período da história da Igreja, percebemos logo que este é um tempo de começos promissores, mas que ao longo do tempo não mantiveram os ideais e nem a característica benéfica do início. Não à toa, o fim deste período é marcado por uma grande reforma, a qual chamamos Protestante, indicativo



de que a instituição já não representava mais aquilo que o cristianismo é.

Em primeiro lugar, para contextualizar, em 476 A.D. ocorre a queda do Império Romano no Ocidente, fruto de uma série de fatores que vão desde as ambições pelo poder imperial, as invasões que aconteciam devido ao movimento dos chamados povos bárbaros em direção aos territórios do império, cujo exército já não tinha mais o preparo anterior, até a má administração e um colapso consequente devido ao tipo de estrutura que definia esse governo. Nesse tempo, enquanto tudo ruía, há uma estrutura, muito parecida com o próprio império em termos de organização hierárquica, contudo de princípios puramente diferentes, que permaneceu e substituiu-o imediatamente: a Igreja Cristã. Como o Império, a Igreja era governada nesse período pelo Bispo de Roma, que ascendeu aos demais como o Bispo dos Bispos, representante máximo dos cristãos e chefe da Igreja. É importante notar, como diz Hurlbut (2007) que a estrutura que a Igreja tomou para sua estrutura é uma influência direta do governo no qual estava inserida. Isso representa uma das causas pelas quais, segundo este autor, ela estava fadada a falhar.

Se tivesse sido permitido ao cristianismo desenvolver-se normalmente, sem o controle do Estado, e se o Estado se tivesse mantido livre da ditadura da Igreja, ambos teriam sido mais felizes. (HURLBUT, 2007, p. 93)

É um fato que a influência da sociedade romana sobre o cristianismo causou a sua mudança em uma direção menos cristã, mas neste momento essa estrutura foi o que manteve o império caído unido. A Igreja anteriormente à queda do império havia trabalhado pela evangelização dos bárbaros, e alcançado pelo menos os Godos, cujo agente de evangelismo foi Ario. Segundo Hurlbut (2007), os povos conquistadores converteram-se posteriormente ao adentrar o território latino, e foram eles que constituíram o que hoje se chama de Europa, não mais comandada por César, mas pelo Papa. Portanto, num sentido de preservação da sociedade, de um cessar de



conflitos e em uma característica de nova unificação, a Igreja foi agente direto naquele contexto, e a figura do Papa se mostrou importantíssima.

Shelley (2018) nos mostra que o papa Leão, aquele que reivindicou definitivamente para si a primazia do Bispo de Roma, foi o responsável por negociar, em 452 A.D, por três anos com Átila, rei dos Hunos, e foi ele que também impediu que Roma fosse queimada pelos Vândalos ao interceder com seu rei, Genserico, e deixa claro que os cidadãos de Roma sabiam muito bem o que ele havia feito.

Gregório, posteriormente conhecido como Magno, também fez muito pela Itália, negociando a paz com os Lombardos, e em meio às suas invasões, trabalhou junto aos oficiais do patrimônio imperial para fornecer assistência à população por meio de um sistema de impostos (Ibidem). Ele também se preocupou em reconstruir Roma, seus aquedutos, suas fortificações e recuperou a moral das guarnições de soldados, funções que eram do poder civil (GONZÁLEZ, 2011).

As rivalidades e as incertezas dos governos seculares estavam em acentuado contraste com a firmeza e uniformidade do governo da Igreja. Durante quase todos aqueles séculos, a Europa viveu em condições dissolventes, pois os governantes erguiam-se e caíam, lutava um castelo contra outro, enfim não havia autoridade completa e duradoura. (HURLBUT, 2007, p.126-127).

Portanto, num período instável, a instituição que se manteve firme foi a Igreja, e não somente isso, mas representou a sustentação e a unidade da Europa, em comunhão por uma mesma fé.

Destaca-se também, que neste início de governo papal, onde os ideais ainda eram verdadeiramente cristãos, um dos destaques era a posição justa que o Papa estava entre os príncipes nobres e aqueles oprimidos por eles. Não era incomum que um governante fosse obrigado a reconciliar-se com a esposa da qual se divorciou por causa dessa justiça (HURLBUT, 2007). A autoridade papal cresceu ao longo do tempo, e chegou ao ponto que eles tinham poder sobre os governantes, de forma que, por algum tempo,



enquanto foram submissos a essa autoridade, os papas foram importantes para conter não somente os conflitos, mas também para subjugar os reis a uma conduta de caráter justa de acordo com a fé cristã. É claro, que é possível que haja hoje uma discussão sobre a relatividade do termo justiça, porém, é inegável que a exigência de uma postura humilde diante de Deus, de caráter honesto, bondoso e não ambicioso quanto aos seus súditos, fez dos reinados um tipo de sociedade menos opressora. O espírito medieval era de uma Europa unida pela ideia de Cristandade. Em termos gerais, podemos compreender como benefício a coesão e a preservação da sociedade europeia neste período. O ideal de império se satisfazia por algum tempo com a Igreja.

Outros benefícios que a Igreja proporcionou à sociedade advêm das ordens monásticas. A ordem dos Beneditinos, cujo fundador é São Bento, data de 529 A.D. em Monte Cassino, contribuiu muito para a civilização do norte. Segundo Hurlbut (2007, p. 161) essa ordem era muito operosa. Cortava bosques, secava e saneava pântanos, lavrava os campos e ensinava ao povo muitos ofícios úteis. Vejamos o que González (2011) diz sobre isso:

[...] os monges beneditinos, em sua dedicação à agricultura, semearam campos que estavam abandonados, derrubaram árvores e, de mil maneiras, deram certa estabilidade a um continente sacudido de forma constante por guerras e rumores de guerras. Quando, em consequência dessas guerras e das migrações em massa que as acompanharam, muita gente sofreu fome, frequentemente eram os monges que podiam alimentá-la com os recursos do seu próprio trabalho. (GONZÁLEZ, 2011, p. 258).

Essa primeira ordem, foi fundamental para o surgimento das posteriores e da qual muitas vieram, foi extremamente prestativa durante os períodos difíceis pelo qual o povo europeu passou. Foi por causa da educação que recebiam, a princípio, que muitos pais deixavam seus filhos nos mosteiros beneditinos, e por isso, em pouco tempo, esses lugares se tornaram escolas, e praticamente as únicas em toda a Europa (GONZÁLEZ, 2011). Os mosteiros também foram uma arca de preservação da literatura



clássica latina, segundo Shelley (2018).

Os cistercienses, ordem nascida em 1098, fundada por São Roberto em Citeaux, reformadora da vida monástica, teve grande expressão nas artes e na arquitetura, além da literatura, como a dos beneditinos (HURLBUT, 2007).

Os franciscanos, também chamada a ordem dos frades menores, tinha um grande espírito servil e de simplicidade. Tamanho era o amor que demonstravam que no século XIV, em meio a peste negra, morreram mais de dez mil monges franciscanos que assistiram aos enfermos na pandemia (FERREIRA, 2013). A influência das ordens em parte foi boa e em parte foi má. No início, cada ordem monástica era um benefício para a sociedade (IBIDEM, p.163).

Compreendemos por essas breves informações que os monges e seus mosteiros proveram a sociedade europeia medieval um refúgio em tempos difíceis, fosse por sua assistência aos doentes e necessitados, muitas mulheres e crianças, ou pela sua hospitalidade e espírito servil. Eles foram os grandes educadores do período e não é por acaso que grandes universidades, e a maioria, surgiram por meio de escolas catedráticas e mosteiros. Por isso, destaca-se nesse período o assistencialismo a sociedade por causa dos fundamentos cristãos de caridade e bondade, sem dúvida um grande benefício para ela em tempos desafiadores.

5. Período Moderno: Liberdade Social

Trataremos do Período Moderno contemplando o chamado Contemporâneo, pois dentro da História da Igreja essa divisão não fica muito clara. Neste recorte focaremos na história da Igreja Protestante, que após a tentativa de reforma da instituição tornou-se outra independente, com uma conduta à parte, que procurava voltar aos ideais da Igreja Primitiva, embora alguns casos, tenha mantido cultura e estrutura muito similares à da Igreja



individual, capacitar a transação comercial sem fraude ou injustiça, assegurar uma forma pública de religião entre os cristãos, e manter a sociedade civilizada. (...) As nações não precisam ser regidas pela Lei de Moisés, mas deviam ser livres para ordenar tal legislação como bem lhes parecia, contanto que estivessem de acordo com a lei do amor.

Entende-se, portanto, que para as pessoas deste tempo, a Igreja e o Cristianismo não eram um problema para a sociedade, e de fato, para muitos, não era, mas que a corrupção que a instituição absorveu, que produziu um caráter tirânico, isso sim era problemático, e disso queriam livrar-se. O que temos então são pessoas procurando aplicar, de forma correta, os princípios cristãos ao povo, para que ele usufrua disso. Cairns (2008) e Latourette (2006), concordam que Calvino incentivou de alguma forma o Capitalismo, pela sua concepção de trabalho e a aceitação dos juros, desde que não em excesso, o que tornou a comunidade genebrina próspera. De forma simples, a posição de Calvino quanto ao lucro é de que ele deve ser honesto e bem aplicado. Quanto a isso, vemos um rompimento com a tradicional visão da Igreja Católica Romana que era completamente contra o lucro, porém, uma preservação da moral no sentido de não destruir o outro pela busca de prosperidade, ou seja, não ceder a ganância.

Descendentes do ímpeto educacional para a formação e preparação de cada indivíduo para o sacerdócio, os protestantes puritanos nas colônias americanas promoveram a educação de forma louvável sendo o seu legado permanente até os dias de hoje. Cairns (2008) aponta a fundação da Universidade de Harvard, em 1636, William and Mary College, em 1693 e Yale, em 1701, como instituições que buscavam tornar capacitados os jovens para ministrar o Evangelho e perpetuar a cultura cristã as gerações posteriores. Segundo ele, a Universidade de Princeton foi criada com o mesmo princípio. Columbia, originalmente "King's College" e a Universidade de Brown também seguiram esse espírito. É evidente que o objetivo fundamental das universidades americanas em seu princípio era formar bons



cristãos, pois o conceito de Estado e Igrejas cooperadores para formação da sociedade era ainda muito forte, contudo, mesmo nos dias atuais, onde a religião de forma geral não é um influência grandiosa como era no passado dentro das universidades, essas instituições carregam ideais e valores que só podem ser associados ao cristianismo do qual elas foram idealizadas. O prestígio e a excelência que carregam é derivado, sem dúvidas, dos cristãos que acreditaram que a educação era indispensável tanto para a conservação da Igreja, como do Estado.

É possível vermos um exemplo do cristianismo puro sendo aplicado socialmente entre os Quacres, que segundo Hurlbut (2007) pregavam a igualdade entre os homens e as mulheres quando a sua posição dentro da Igreja e na sociedade. Segundo ele, os Amigos (assim chamavam a si mesmos) eram contra a escravidão, e tanto a proibiam quanto protestaram contra ela.

Faziam propaganda contra ela, até mesmo nas sociedades agrícolas do sul. Tinham interesse real e profundo na cristianização e civilização dos índios norte-americanos, em visitar e ajudar presos nos miseráveis cárceres daqueles tempos e em outras obras filantrópicas. Muitas obras sociais que atualmente estão em grande evidência foram fundadas e sustentadas pelos quacres, muito antes que fossem por outros reconhecidas como obra legítima da Igreja. (HURLBUT, 2007, p. 249).

Esses cristãos acreditavam profundamente em uma religião de conduta moral. Eles eram engajados em ações sociais, e também trabalhavam em favor da educação, tendo como reflexo disso as Universidades de Haverford e Swarthmore, fundadas por eles (CAIRNS, 2008). É interessante para a reflexão atual que, embora o conceito de diversidade seja para a sociedade moderna uma não interferência quanto a cultura de outros povos, no tempo que tratamos neste ponto, o ideal cristão era verdadeiramente genuíno, de forma que o ímpeto de cristianizar e civilizar não era carregado de arrogância e sentimento de superioridade, mas de profundo amor, principalmente nos



Quacres, que eram pacifistas. É importante também notar que o próprio sentimento evangelístico se colocava sobre a pessoa humana, de forma que os verdadeiros cristãos dessa época não faziam acepção de pessoas.

O Reavivamento Britânico do século XVIII, segundo Latourette (2006) produziu missionários que buscavam propagar o evangelho apaixonadamente. “Eles também tentaram aliviar ou abolir as condições sociais que prejudicaram ou destruíram vidas humanas” (LATOURETTE, 2006, p. 1396). Robert Raikes (1735-1811), um dos homens santos deste século ficou marcado por criar o modelo que se perpetuou como Escola Dominical, que alfabetizava, mas também dava instrução moral e religiosa aos pobres de Gloucester. John Howard (1726-1790) utilizou sua herança para reformar as prisões, trazendo mais dignidade aos presos. Ainda, segundo Latourette (2006), foram os evangélicos que lutaram contra a promoção de esportes cruéis, o duelo, além de haverem trabalhado para que as crianças empregadas nas fábricas fossem protegidas, assim como as que limpavam chaminés. Zachary Macaulay e William Wilberforce lutaram fortemente para abolir a escravidão e impedir o tráfico de escravos. John Wesley (1703-1791), avivalista deste século, e grande nome dentro do movimento, pregou contra o álcool, responsável por muitas mortes e a internação nos hospícios, além da associação aos jogos de azar, que corrompiam a moral da Inglaterra ao seu pior nível. Pregou também contra a guerra e contra a escravidão (CAIRNS, 2008). Ele foi o responsável por influenciar Raikes e Howard.

Pode-se concluir que a regra moral e o interesse no melhor do homem, fruto do amor cristão e de uma responsabilidade para com a imagem e semelhança de Deus, foram o que moveram a Igreja a se envolver em reformas sociais, estas que nada mais eram do que uma implementação dos princípios cristãos para com o próximo. A consciência de responsabilidade social que vinha das Escrituras atuou fortemente sobre os homens e mulheres que viviam por elas naquele tempo.



Hurlbut (2007, p. 291) aponta que a Igreja norte-americana na Segunda Guerra Mundial forneceu capelães para as forças armadas norte-americanas, trabalhou com a Cruz Vermelha e, ao mesmo tempo, apoiou efetivamente a reconstrução de igrejas-irmãs na Europa, no pós Guerra. Cairns discorre sobre o esforço da Igreja pela paz mundial:

A Teologia Liberal e o Evangelho Social, ao ressaltarem a paternidade de Deus e a fraternidade do homem, ajudaram a promover esses esforços pela paz mundial. (CAIRNS, 2008, pp. 470-471).

As igrejas neste período estavam interessadas na preservação moral do pós-guerra, e se preocupavam com a restauração, embora tenham apoiado a declaração de guerra e apoiado o governo americano como seus agentes (IBIDEM).

No Brasil, a partir de 1855, por intermédio de Robert e Sarah Kalley, a Igreja Evangélica foi responsável por profundas mudanças sociais, das quais:

[...] garantias individuais de liberdade de culto, crítica social, permissão e reconhecimento aos ministros protestantes à celebração de matrimônios e ao cerimonial fúnebre com liturgias distintas as praticadas pelo catolicismo, a inserção da tradição protestantes de evangelização pessoal de caráter conversionista com uso de pregadores e vendedores de Bíblias (colportores) que transitavam entre as áreas urbanas das cidades assim como nas áreas rurais e interioranas também é legado dos congregacionais. (JUNIOR, 2016, s/n).

É evidente que onde buscava-se conquistar direitos para que o Evangelho fosse pregado, por consequência, a sociedade na qual estava inserida a Igreja, acabava sendo beneficiada. Ao tomar a citação de Junior (2016), sobre a contribuição dos congregacionais no Brasil percebemos que a conquista de liberdade civil quanto aos matrimônios e os enterros foi outorgada a todos que não eram católicos, não só os evangélicos. A liberdade dos colportores se refletia em liberdade de ir e vir a qualquer pessoa.



Portanto, podemos concluir que a busca pela liberdade religiosa, e a expressão dessa liberdade atestam o espírito desse período, e demonstram que a Igreja foi de fato relevante tanto na luta quanto no exercício dela.

6. Resultado

Após tratar de cada período, e de perceber em cada autor uma ênfase maior sobre alguns fatos ou alguns aspectos de cada recorte histórico, ficou evidenciado os seguintes resultados.

É possível afirmar que em cada período houve de fato alguma contribuição da Igreja para a sociedade. Essa contribuição se representa hora por personagens centrais e cuja história é marcada por sua influência, hora por um grupo de pessoas.

Não é possível afirmar que em todos os lugares onde esteve a Igreja foi benéfica. Embora não tenha sido feito grande esforço para demonstrar os malefícios, durante a pesquisa ficou claro que a Igreja cometeu exageros, e tratou de forma violenta, segregadora, e equivocada o Estado e a sociedade. Contudo, é imprescindível destacar que essa característica perturbadora da história cristã advém de um afastamento ou incompreensão das Escrituras Sagradas. É interessante notar também que as interpretações equivocadas aumentaram muito após a Reforma Protestante, visto que a Igreja se tornou mais diversa, e surgiram muitos movimentos diferentes, com crenças que nem sempre eram apoiadas em todas as denominações.

Quanto aos benefícios, é incontestável que toda ação contribuinte para a sociedade advém de um princípio básico do cristianismo: o amor cristão. Esse amor está fundamentado sobre a característica elementar da fé cristã de que o homem é feito a imagem e semelhança de Deus, e valorizado por ele, objeto de seu amor, e alvo de seu sacrifício redentor. Por essa causa os cristãos fazem o bem à sociedade.



7. Conclusões

Em suma, conclui-se que o Cristianismo, representado pela Igreja, carrega uma responsabilidade social que não é principal à fé, mas que é consequência dela. Ao afirmar amar a Deus, a Escritura diz que isso é impossível sem que o amor ao próximo seja evidenciado, ou seja, todas as vezes que os cristãos foram benfeitores, e atuaram na sociedade pela preservação da vida, para que os direitos de dignidade, como a liberdade, fossem legados, o fizeram baseados no imperativo de sua fé.

Portanto, dessa forma, mesmo nos dias atuais, onde a religião não é fundamental segundo os parâmetros sociais, podemos dizer que de forma alguma a sociedade teria alcançado os moldes de justiça e valor quanto aos homens se não fosse pela interferência e influência da Igreja.



Referências

ALMEIDA, Marcelo; et al. **O essencial do Cristianismo**: dois mil anos de história e fé. Edição do Kindle. Ágape, 2021.

CAIRNS, Earle E. **O Cristianismo através dos séculos**: uma história da Igreja Cristã. 3ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

CORBIN, Alain; et al. **História do Cristianismo**: para compreender melhor nosso tempo. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

FERREIRA, Franklin. **A Igreja Cristã na história**: das origens aos dias atuais. São Paulo: Vida Nova, 2013.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONZÁLEZ. Justo L. **História ilustrada do cristianismo**: a era dos mártires até a era dos sonhos frustrados. Tradução Hans Udo Fuchs, Key Yuasa. 2ª ed. rev. com roteiro de leitura. São Paulo: Vida Nova, 2011.

HURLBUT, Jesse Lyman. **História da Igreja Cristã**. 2ª Ed. São Paulo: Editora Vida Nova, 2007.

LATOURETTE, Kenneth Scott. **Uma história do Cristianismo**: volume II: 1500 a.D. a 1975 a.D. São Paulo: Hagnos, 2006.

JUNIOR, Idauto de O.C. Os Congregacionais: Origem, inserção e contribuições. **Teologia Brasileira**, n. 54, set. 2016. Disponível em: <https://teologiabrasileira.com.br/os-congregacionais-origem-insercao-e-contribuicoes/>. Acesso em: 26 fev. 2023.

LEITH, John H. **A tradição reformada**: uma maneira de ser da comunidade cristã. São Paulo:

Pendão Real, 1997.

SHELLEY, Bruce. **História do Cristianismo**: uma obra completa e atual sobre a trajetória da igreja cristã desde as origens até o século XXI. Thomas Nelson Brasil, 2018.

SOZOMENUS, Salminius Hermias. **The Ecclesiastical History of Sozomen**: Comprising a History of the Church From AD 323 to AD 425. Library of Alexandria made in the United States, 2020.